



COMPANHIA DAS LETRAS

## MULHERZINHAS

LOUISA MAY ALCOTT nasceu em Germantown, na Pensilvânia, em 1832, e foi a segunda das quatro filhas de Abba May Alcott e Bronson Alcott, proeminente intelectual e reformista social transcendentalista. Criada em Concord, Massachusetts, e instruída pelo pai, desde cedo esteve sob a influência dos grandes homens do círculo dele: Ralph Waldo Emerson, Nathaniel Hawthorne, o ministro Theodore Parker e Henry David Thoreau. Desde a juventude, ela sustentou a família de diversas maneiras: costurando, dando aulas, fazendo serviços domésticos e escrevendo. Em 1862, foi enfermeira voluntária do Exército num hospital da União durante a Guerra Civil Americana — uma experiência que lhe rendeu material para seu primeiro livro bem-sucedido, *Hospital Sketches* (1863). Entre 1863 e 1869, publicou anonimamente diversos contos góticos ou sensacionalistas. A fama veio com a publicação de *Mulherzinhas* (1868-9), romance baseado nas aventuras juvenis das quatro irmãs Alcott que se tornou imensamente popular e deu-lhe segurança financeira, além de convicção para continuar sua carreira de escritora. Após o sucesso de *Mulherzinhas*, Alcott escreveu *An Old-Fashioned Girl* (1870), *Little Men* (1871), *Eight Cousins* (1875), *Rose in Bloom* (1876), *Jo's Boys* (1886) e outros livros para crianças, além de dois romances para adultos, *Moods* (1865) e *Work* (1873). Participante ativa no movimento pelo sufrágio feminino e no movimento da temperança, Alcott morreu em Boston em 1888, no dia em que seu pai foi enterrado.

JULIA ROMEU nasceu no Rio de Janeiro em 1980. Em parceria com Heloisa Seixas, escreveu os musicais *Era no tempo do rei*, com músicas de Aldir Blanc e Carlos Lyra, *Bilac vê estrelas*, com músicas de Nei Lopes, e *Carmen: A grande pequena notável*, sobre Carmen Miranda. Trabalha como tradutora literária há mais de quinze anos e já traduziu obras de autores como

Jane Austen, Charlotte Brontë e George Eliot, entre outros. É mestra em literaturas de língua inglesa pela UERJ.

PATTI SMITH nasceu em 1946 em Chicago, nos Estados Unidos. Patti ganhou reconhecimento nos anos 1970 por sua fusão revolucionária de poesia com rock, e seu disco *Horses* é considerado um dos álbuns mais influentes da história. Além da carreira musical, publicou volumes de poesia como *Babel* (1978) e *Auguries of Innocence* (2005). Em 1973, expôs seus desenhos pela primeira vez e, em 2008, a Fundação Cartier de Paris fez uma grande mostra sobre sua trajetória como artista visual. Dela, a Companhia das Letras publicou o aclamado *Só garotos*, vencedor do National Book Award em 2010, além de *Linha M*, *Devoção* e *O Ano do Macaco*.

ELAINE SHOWALTER concluiu o bacharelado pela Bryn Mawr College, o mestrado pela Universidade Brandeis e o doutorado pela Universidade da Califórnia em Davis. Ela é autora de *A Literature of Their Own: British Women Novelists from Brontë to Lessing* (1977) e *The Female Malady: Women, Madness and Culture in England* (1988), e organizadora de *Alternative Alcott* (1988), uma coletânea dos textos satíricos, sensacionalistas e feministas de Louisa May Alcott. Crítica feminista que publicou uma obra extensa sobre literatura feminina e teoria literária feminista, Showalter é professora emérita da Universidade Princeton.

LOUISA MAY ALCOTT

Mulherzinhas

*Tradução de*  
JULIA ROMEU

*Prefácio de*  
PATTI SMITH

*Introdução de*  
ELAINE SHOWALTER



---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2020 by Penguin-Companhia das Letras  
Copyright do prefácio © 2020 by Patti Smith  
Copyright da introdução © 2020 by Elaine Showalter

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with  
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

*Little Women*, ed. e introd. de Elaine Showalter e notas  
de Siobhan Kilfeather e Vinca Showalter, Penguin Classics

PREPARAÇÃO

Lígia Azevedo

REVISÃO

Fernando Nuno

Ana Maria Barbosa e Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Alcott, Louisa May 1832-1888.

Mulherzinhas / Louisa May Alcott ; tradução de Julia Romeu ; prefácio de Patti Smith ; introdução de Elaine Showalter. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2020.

Título original: *Little Women*

ISBN 978-85-8285-098-5

I. Ficção norte-americana I. Romeu, Julia. II. Smith, Patti. III. Showalter, Elaine. IV. Título.

19-31520

CDD-813

---

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura norte-americana 813

Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.penguincompanhia.com.br](http://www.penguincompanhia.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

# Sumário

Prefácio — Patti Smith	9
Introdução — Elaine Showalter	15
Nota sobre o texto	45

## MULHERZINHAS

Prefácio	49
----------	----

### PARTE I

1. Brincando de peregrinas	53
2. Um feliz Natal	67
3. O jovem Laurence	81
4. Os fardos	95
5. Bons vizinhos	110
6. Beth encontra o Palácio Belo	125
7. O Vale da Humilhação de Amy	134
8. Jo enfrenta Apoliom	143
9. Meg vai à Feira das Vaidades	157
10. O clube e o correio	178
11. Experiências	189
12. O Acampamento Laurence	203
13. Castelos no ar	227
14. Segredos	239
15. Um telegrama	251
16. Cartas	262
17. A pequena Fiel	273
18. Dias sombrios	282

19. O testamento de Amy	293
20. Confidencial	304
21. Laurie faz travessuras e Jo faz as pazes	313
22. Campos aprazíveis	328
23. A tia March resolve a questão	337

## PARTE II

24. Novidades	353
25. O primeiro casamento	368
26. Experimentações artísticas	377
27. Lições literárias	390
28. Experiências domésticas	400
29. Visitas	418
30. Consequências	434
31. Nossa correspondente estrangeira	449
32. Problemas de amor	462
33. O diário de Jo	477
34. Amigo	493
35. Dor no coração	513
36. O segredo de Beth	526
37. Novas impressões	533
38. Na prateleira	547
39. Laurie, o lânguido	563
40. O vale da sombra	580
41. Aprendendo a esquecer	588
42. Completamente só	604
43. Surpresas	615
44. Milorde e milady	636
45. Daisy e Demi	643
46. Embaixo do guarda-chuva	651
47. A época da colheita	669

<i>Sugestões de leitura</i>	683
-----------------------------	-----

<i>Notas</i>	687
--------------	-----

# Mulherzinhas





# Prefácio

PATTI SMITH

Talvez nenhum outro livro tenha sido um maior guia para mim, quando comecei a trilhar meu caminho na juventude, do que o romance mais adorado de Louisa May Alcott, *Mulherzinhas*. Eu era uma magricela que sonhava acordada e tinha só dez anos de idade. A vida já apresentava desafios para uma moleca desajeitada crescendo na década de 1950, com todas as suas definições de gênero. Sem interesse pelas atividades preordenadas, eu saía na minha bicicleta azul, ia para um lugar deserto no bosque e lia os livros que tinha pegado emprestados, vezes sem fim, na biblioteca local. Quase nunca estava sem um livro na mão, e sacrificava o sono e as horas de brincadeira para entrar por inteiro em cada um daqueles mundos únicos.

Muitos livros maravilhosos me fascinaram, mas, com *Mulherzinhas*, algo extraordinário aconteceu. Eu me reconheci, como num espelho, naquela menina comprida e teimosa que disputava corridas, rasgava as saias subindo nas árvores, falava gírias e denunciava as afetações sociais. Uma menina que podia ser encontrada encostada num enorme carvalho com um livro, ou em sua escrivaninha no sótão, debruçada sobre um manuscrito. Ela era Josephine March. Até seu nome era um sopro de liberdade, uma menina chamada Jo. Louisa May Alcott havia se embrulhado em seu manto de glória, trabalhado em sua escrivaninha e criado um novo tipo de heroína. Uma me-

nina americana do século XIX que teimava em ser moderna. Uma menina que escrevia. Como incontáveis meninas antes de mim, vi como modelo uma que não era tal qual as outras, que possuía alma revolucionária, mas também noção de responsabilidade. Sua dedicação à sua arte me deu meu primeiro vislumbre do processo do escritor e fui tomada pelo desejo de abraçar essa vocação. Os passos em falso que ela dava, dos cômicos aos ousados, eram invejáveis e me concediam permissão para dar os meus.

Tendo como cenário a Nova Inglaterra de meados do século XIX, convulsionada pela Guerra Civil, *Mulherzinhas* não é um épico grandioso. Somos levados para dentro da atmosfera vivaz, combativa e amorosa da sala de estar da família March. Lá, somos apresentados às quatro jovens irmãs, cada uma com uma personalidade intrigante, processando uma energia característica. Conhecemos seus sonhos e decepções, suas brigas e sua imaginação coletiva, o mundo imediato que elas aprendem a manobrar. Cada uma com dificuldades para lidar com o destino que lhe coube, mas sem fugir daquilo que se espera delas.

A família March faz parte dos pobres com instrução, abaixo da classe média, sofrendo algumas privações, ouvindo gracejos por não possuir as roupas adequadas. Nas primeiras páginas, as quatro meninas se reúnem ao redor da lareira, lamentando um Natal passado a sós, sem presentes debaixo da árvore, com o pai longe, lutando na guerra, e a mãe caridosa ajudando os pobres. No entanto, na ausência dos confortos que desejam, elas seguem o exemplo da mãe e, com abnegação ainda maior, doam o pouco que têm para seus vizinhos menos afortunados. Jo escreve contos góticos por um centavo por palavra para pôr dinheiro na casa. Ela vende, para horror de todos, seu único motivo de vaidade — seus longos cabelos castanhos —, para ajudar no esforço de guerra. Beth, dolorosamente tímida, sai de casa, sem se importar com o clima e comprometendo a saúde frágil, para ajudar os filhos

doentes de uma família ainda mais pobre. A irmã mais velha, a linda e controladora Meg, luta com um desejo profundo por coisas bonitas e uma posição social mais elevada. No entanto, é um esteio para as irmãs, firme, preocupada e cheia de princípios. E a mais nova, a ligeiramente autocentrada e artística Amy, cresce e se torna uma jovem elegante e à frente de seu tempo.

Louisa May Alcott, até certo ponto, baseou *Mulherzinhas* em sua própria família. Assim como Jo, que pode ser facilmente identificada com a autora, Alcott era a segunda de quatro irmãs. Sua mãe, que colocava o dever e a caridade acima de tudo, foi a inspiração para a sra. March. Seu pai idealista, embora em vida tenha sido um homem vigoroso e de mente aberta, não desponta no livro. Talvez para evitar sua calamitosa falta de praticidade em relação às necessidades da família. Os Alcott se mudaram cerca de trinta vezes antes de irem morar numa fazenda arruinada em Concord, Massachusetts, cidade natal do transcendentalismo. Ralph Waldo Emerson providenciou a compra do terreno, cercado de macieiras. Henry David Thoreau ajudou o pai dela a reformar a casa. Alcott passou a infância em meio a um turbilhão de discursos contínuos feitos por algumas das mentes mais profundas da época: Emerson, Thoreau, Hawthorne e Whitman. Nas margens do lago Walden, Thoreau ajudou o pai de Louisa a instruí-la, respondendo à enxurrada de perguntas que se acendiam na mente da menina impetuosa.

Sua infância pode soar idílica: crescer numa casa cheia de vida, recebendo uma educação generosa e se movimentando livremente entre as grandes mentes do século XIX. Mas a realidade cotidiana era extremamente difícil — a família dormia numa casa que tinha pouco aquecimento no inverno, colchões de palha no chão e, muitas vezes, uma mesa vazia na hora do jantar.

Alcott jurou que ia encontrar uma maneira de sustentar a família e tirá-la da pobreza, assim como Jo se esfor-

cava para sustentar a sua. Um juramento que eu também fiz, conhecendo bem as dificuldades financeiras da minha própria família após a guerra.

Louisa desejava e finalmente insistiu em ter um quarto só seu, e seu pai construiu uma escrivaninha oval, com um tinteiro, que ficava entre duas janelas. Foi ali que ela escreveu suas primeiras ficções *pulp* com o pseudônimo A. M. Barnard, ganhando o pão da família. Como Walt Whitman, ela arriscara a vida como enfermeira voluntária durante a Guerra Civil e publicou *Hospital Sketches*, livro aclamado pelo público. Mas foi a publicação de *Mulherzinhas* que lhe rendeu, quase instantaneamente, sucesso nacional, segurança financeira e uma legião de leitores apaixonados.

O sucesso de *Mulherzinhas* abriu o caminho que Louisa pretendia trilhar pelo resto da vida. Ela se recusou a casar e aceitar as convenções sociais da época. Escreveu e viajou bastante pela Europa. Assim como Jo, Louisa encontrou um método para seguir seu rumo criativo ao mesmo tempo que se mantinha atenta a questões domésticas cruciais, continuando a ser quem ganhava o pão e a se responsabilizar sempre pelas necessidades da família. E, assim como Jo, ela transmitia em sua obra a alegria de sua imaginação fértil, seus anseios terríveis e, finalmente, a tragédia da perda. Através das irmãs March, eu conheci a pobreza extrema e o custo da guerra. Aprendi com o exemplo de Jo que a arte não é produzida apenas sonhando, mas com disciplina, esforço contínuo e confiante, e a disponibilidade de aceitar a crítica inteligente e crescer com ela. Jo, assim como sua criadora, estava sempre escrevendo, cobrindo o chão com seus fracassos, até que essas peles foram trocadas e ela se conectou ao cerne da expressão de seu próprio eu.

Afetada pelas privações na infância, aprendi a olhar além, para os menos afortunados. Afetada pela morte de uma amiga ainda jovem, tive um exemplo de como lidar

com a perda. Quando Beth fica gravemente doente, ela implora à inconsolável Jo que não se lamente demais. Decidida a ter a mesma coragem estoica dela, Jo encontra as palavras certas para tranquilizar e consolar sua doce irmã, sua preferida. Palavras que ficaram comigo para sempre.

Mais do que qualquer outra pessoa no mundo, Beth. Eu costumava pensar que não era capaz de abrir mão de você, mas estou aprendendo a sentir que não vou perdê-la, que você será mais do que nunca para mim e que a morte não pode nos separar, embora pareça fazê-lo.

Na literatura há certos momentos em que nasce um novo personagem, um que senta no topo com outros, emblemáticos de uma era, ou segue caminhando muito além dela. Já houve muitos personagens ousados antes de Jo March, mas nenhum como ela, que escrevia e continuou sendo quem era. Criar Jo numa época em que as mulheres ainda não tinham direito ao voto foi um ato de coragem. Ela foi uma ativista com seu exemplo. E, afastando-se para estender a mão de uma irmã, sempre estive ali para cumprimentar meninas rebeldes como eu, jogando o cabelo curto para o lado e dando uma piscadela brincalhona como quem diz: venha. Para nos guiar, nos encorajar, deixar suas pegadas numa trilha que ela nos incita a seguir.

É possível imaginar Louisa sentada à escrivaninha que seu pai construiu, diante do arco daquela meia-lua branca, criando histórias para seduzir e inspirar seus leitores. Mas nenhuma delas teve o mesmo efeito que *Mulherzinhas*, um guia fundamental para a evolução da consciência e o valor da conscientização. Uma crônica sobre quatro meninas inesquecíveis, cada uma oferecendo algo próprio. E Jo March, assim como sua criadora, engloba o sacrifício, bem como a responsabilidade que temos com

nós mesmos, com nossa arte. Louisa May Alcott conferiu às irmãs March vida, graça e uma esperança e uma determinação contumazes, dando, assim, o mesmo às mulherzinhas de sua época e das épocas por vir.



## Nota sobre o texto

*Little Women* foi originalmente publicado pela Robert Brothers em Boston em dois volumes (outubro de 1868 e abril de 1869). Ambos eram intitulados *Little Women, or, Meg, Jo, Beth and Amy*; o segundo volume simplesmente trazia “Parte segunda” como subtítulo. Em 1880, os dois volumes foram reunidos em um único chamado *Little Women*, com os capítulos renumerados consecutivamente, e tem sido publicado assim desde então nos Estados Unidos. Na Inglaterra, o segundo volume recebeu o nome *Good Wives*; embora Alcott não tenha participado dessa decisão e provavelmente tivesse rechaçado um título tão moralizador e doméstico, a designação persiste até hoje. Em 1880, além disso, Alcott fez inúmeras mudanças no texto, corrigindo erros gramaticais e modificando sua dicção e algumas das suas descrições muito diretas para satisfazer às expectativas de seu editor de uma prosa polida e própria a uma dama. Optamos por apresentar o romance em sua forma inicial, não corrigida, com o título pelo qual ficou conhecido e que respeita as intenções de Alcott. O texto reproduz as edições originais de 1868 e 1869, que foram emendadas para corrigir erros tipográficos evidentes. Os capítulos também foram renumerados consecutivamente por uma questão de conveniência e facilidade de referência.





# Mulherzinhas



## Prefácio

*Meu livrinho, vá revelar, portanto  
Àqueles que o receberem em seus recantos  
Aquilo que lhe é mais caro ao coração;  
E que o mostrado tenha a sorte então  
De lhes fazer bem e levá-los a querer  
Ser peregrinos, melhores do que eu e você.  
Falai da Misericórdia, ela é um exemplo  
Que saiu a peregrinar há muito tempo.  
Sim, que aprendam as jovens donzelas pias  
A valorizar a vida eterna com sabedoria;  
Pois moças incertas podem seguir o Senhor  
Pelos caminhos já trilhados com fervor.<sup>1</sup>*

Adaptado de JOHN BUNYAN



## PARTE I



## Brincando de peregrinas

“O Natal não vai ser Natal sem nenhum presente”, resmungou Jo, deitada no tapete.

“É tão horrível ser pobre!”, suspirou Meg, olhando o vestido velho que usava.

“Não acho justo que algumas meninas tenham tantas coisas bonitas enquanto outras não têm nada”, acrescentou a pequena Amy, com uma fungadinha magoada.

“Pelo menos nós temos o papai, a mamãe e umas às outras”, disse Beth, satisfeita, de seu canto.

Os quatro rostos jovens abrilhantados pelo fogo se iluminaram após essas palavras alegres, mas voltaram a se anuviar quando Jo disse com tristeza:

“Nós não temos o papai e não vamos ter por um bom tempo.” Ela não disse “talvez nunca mais”, mas cada irmã acrescentou isso em silêncio, pensando no pai que estava longe, lutando na guerra.

Ninguém falou nada por um minuto; logo Meg disse, com outro tom de voz:

“Vocês sabem que a mamãe sugeriu não darmos presentes neste Natal porque o inverno vai ser difícil para todo mundo; e ela acha que não devemos gastar dinheiro com bobagens enquanto os homens estão sofrendo no Exército. Não podemos fazer muito, só alguns pequenos sacrifícios, e devíamos fazê-los de bom grado. Mas, infelizmente, eu não consigo.” E Meg ba-



lançou a cabeça, pensando com pesar nas coisas bonitas que desejava.

“Mas eu não acho que o pouco que temos para gastar ia fazer muita diferença. Cada uma de nós tem um dólar, e isso não seria de muita ajuda para o Exército. Concordo em não esperar nada da mamãe nem de vocês, mas gostaria de comprar *Undine e Sintram* para mim. Quero esse livro há *tanto* tempo”, disse Jo, que era uma devoradora de livros.

“Eu tinha planejado gastar meu dinheiro com partituras novas”, disse Beth, com um pequeno suspiro que ninguém ouviu, com exceção da escova da lareira e do abafador da chaleira.

“Vou comprar uma bela caixa de lápis de cor da Faber, estou precisando muito”, disse Amy, decidida.

“A mamãe não falou nada sobre o nosso dinheiro e não ia querer que abrissemos mão de tudo. Cada uma deve comprar o que quer para nos divertirmos um pouco; nós bem que merecemos, já que damos um duro danado!”, exclamou Jo, examinando o salto das botas como se fosse um rapazinho.

“Eu dou duro mesmo, ensinando aquelas crianças horríveis praticamente o dia inteiro, quando preferia estar em casa me divertindo”, disse Meg, em tom de queixa de novo.

“O meu trabalho é duas vezes pior que o seu”, afirmou Jo. “Você ia gostar de ficar trancada durante horas com uma velha nervosa e rabugenta, que nunca está satisfeita e me apoquentá até eu quase pular pela janela ou lhe dar um tapa na orelha?”

“É feio reclamar, mas, para mim, lavar louça e arrumar a casa é o pior tipo de trabalho do mundo. Eu fico irritada, e minhas mãos ficam tão duras que não consigo tocar piano direito depois.” E Beth olhou para suas mãos ásperas com um suspiro, dessa vez bem fácil de ouvir.

“Pois eu acho que nenhuma de vocês sofre tanto quanto eu”, afirmou Amy, “já que não têm de ir à escola com me-

ninas impertinentes, que caçoam se você não sabe a lição, ríem dos seus vestidos, espalham *petúncias* sobre seu pai se ele não for rico e insultam você se seu nariz não for bonito.”

“Será que você não quer dizer que elas espalham *calúnias*? Assim parece que jogam flores no papai”, aconselhou Jo, rindo.

“Sei muito bem o que quero dizer e você não precisa ser *icônica*. É bom usar palavras refinadas e melhorar seu *vocabulário*”, retrucou Amy, com dignidade.

“Parem de implicância, meninas. Você não queria que ainda tivéssemos o dinheiro que o papai perdeu quando éramos pequenas, Jo? Ah, seríamos tão felizes e boazinhas sem preocupações!”, disse Meg, que conseguia se lembrar de dias melhores.

“No outro dia você disse que achava que éramos bem mais felizes do que os filhos do sr. e da sra. King, pois eles viviam brigando e reclamando, apesar de todo o dinheiro que têm.”

“É verdade, Beth. Bem, acho que somos mesmo. Temos de trabalhar, mas sabemos nos divertir e somos uma turma animada, como diria Jo.”

“Jo usa tantas gírias...”, observou Amy, com um olhar de reprovação para a menina comprida que estava deitada no sofá. Jo imediatamente se sentou, enfiou as mãos nos bolsos do avental e começou a assoviar.

“Não faça isso, Jo. Você parece um menino.”

“É por isso mesmo que eu faço.”

“Detesto meninas mal-educadas que não sabem se comportar como mocinhas.”

“E eu detesto meninas enjoadas e cheias de não me toques.”

“Dois bicudos não se bicam”, disse Beth, a deixa-disso, com uma cara tão engraçada que as outras duas desataram a rir e “pararam de implicância” por algum tempo.

“Na verdade, meninas, a culpa é de vocês duas”, disse Meg, começando a bronca com seu ar de irmã mais velha.

“Você já tem idade para deixar de parecer um menino e se comportar melhor, Josephine. Não era tão ruim quando você era pequena, mas, agora que está tão alta e já usa coque, precisa se lembrar de que é uma moça.”

“Sou nada! E se usar coque me faz ser uma, vou usar maria-chiquinha até ter vinte anos!”, exclamou Jo, arrancando a rede do cabelo e sacudindo os cachos castanhos. “Odeio a ideia de ter de crescer, ser chamada de srta. March, usar vestido comprido e ser delicada como uma rosa. Já é ruim demais ser menina para quem gosta das brincadeiras, dos trabalhos e do jeito dos meninos. Não consigo superar minha decepção por não ser menino, e está pior do que nunca agora, pois estou morrendo de vontade de ir para a guerra com o papai, mas só posso ficar em casa tricotando que nem uma velha raquítica”, e Jo chacoalhou a meia azul que tricotava, fazendo as agulhas tremerem como castanholas e o novelo rolar pela sala.

“Coitadinha! É difícil, mesmo. Mas não há nada que você possa fazer, por isso tem de se contentar em ter apelido de menino e em fingir que é um irmão para nós três”, disse Beth, fazendo carinho na cabeça desgrenhada sobre seus joelhos com aquela mão cuja maciez nem toda a louça ou todo o pó do mundo poderiam tirar.

“Quanto a você, Amy”, continuou Meg, “é exigente e refinada demais. Pode ser engraçado agora, mas você vai acabar virando uma boba afetada se não tomar cuidado. Gosto dos seus bons modos e do seu jeito refinado de falar quando você não tenta ser complicada demais, mas as palavras absurdas que diz são tão ruins quanto as gírias de Jo.”

“Se Jo é um moleque e Amy é uma boba, por favor, me diga o que eu sou”, pediu Beth, preparada para levar bronca também.

“Você é um amor e pronto!”, disse Meg, com ternura; e ninguém a contradisse, já que a “Ratinha” era a queridinha da família.

Como os jovens leitores gostam de “saber como é a cara das pessoas”, vamos parar um instante para uma rápida descrição das quatro irmãs, que continuaram tricotando à luz do crepúsculo, enquanto a neve de dezembro caía devagar do lado de fora e o fogo crepitava alegremente do lado de dentro. Era uma sala confortável apesar do tapete desbotado e dos móveis muito simples, pois havia um ou dois bons quadros pendurados, muitos livros nos recuos das paredes, crisântemos e rosas desabrochadas nas janelas, e uma atmosfera agradável de paz doméstica permeava todo o cômodo.

Margaret, a mais velha das quatro, tinha dezesseis anos e era muito bonita: roliça, de pele clara, com olhos grandes, cabelos castanhos, sedosos e fartos, boca encantadora e mãos brancas da qual sentia muito orgulho. Jo, de quinze anos, era muito alta, magra e morena; ela lembrava um potro, pois nunca parecia saber o que fazer com seus membros longos, que viviam atrapalhando seus movimentos. Tinha uma boca decidida, um nariz cômico e olhos cinza penetrantes que pareciam ver tudo e ora estavam ferozes, ora engraçados, ora pensativos. Seus cabelos longos e abundantes eram sua única beleza, mas, em geral, ficavam presos em uma rede, para não incomodar. Jo tinha ombros curvados, mãos e pés grandes, roupas desajeitadas e a aparência desconfortável de uma menina que estava rapidamente se transformando em mulher e não gostava daquilo. Elizabeth — ou Beth, como todos a chamavam — era uma menina de treze anos, rosada, de cabelos lisos e olhos brilhantes, com um jeito tímido, uma vozinha baixa e uma expressão tranquila que quase nunca se perturbava. Seu pai a chamava de “Pequena Tranquilidade” e o apelido caía-lhe muito bem, pois Beth parecia viver em um mundo feliz e apenas seu, só ousando sair para se encontrar com os poucos em quem confiava e a quem amava. Amy, apesar de ser a mais nova, era uma pessoa muito importante, pelo menos em sua própria opi-

nião. Era uma perfeita donzela de neve, com olhos azuis e cabelos louros que caíam em cachinhos sobre os ombros; alva e esguia, sempre se portando como uma mocinha ciosa de seus modos. Quanto às personalidades das quatro irmãs, deixaremos que se revelem aos poucos.

O relógio bateu as seis horas; e, depois de varrer a lareira, Beth colocou ali perto um par de pantufas para esquentar. Por algum motivo, ver os sapatos velhos teve um efeito positivo sobre as meninas, pois sua mãe estava chegando, e todas se alegraram para recebê-la. Meg parou de dar bronca e acendeu o abajur, Amy se levantou da poltrona sem que lhe pedissem e Jo se esqueceu de quão cansada estava e colocou as pantufas mais perto do fogo.

“Estão bastante gastas. Marmee precisa de um par novo.”

“Pensei em comprar com meu dólar”, disse Beth.

“Não, eu compro!”, exclamou Amy.

“Eu sou a mais velha...”, começou a dizer Meg, mas Jo a interrompeu, decidida.

“Eu sou o homem da família agora que papai está longe e *eu* vou providenciar as pantufas, pois ele me mandou cuidar bem da mamãe enquanto não voltasse.”

“Já sei o que podemos fazer”, disse Beth. “Vamos cada uma comprar algo para a mamãe de Natal em vez de comprar para nós mesmas.”

“É a sua cara, meu bem! O que vamos comprar?”, perguntou Jo.

As quatro ficaram pensativas por um minuto; então Meg anunciou, como se tivesse se inspirado ao examinar suas belas mãos: “Vou dar um par de luvas bem bonitas”.

“Vou dar sapatos de soldado, os melhores que existem!”, exclamou Jo.

“Alguns lenços, todos bordados”, disse Beth.

“Vou comprar um frasquinho de água-de-colônia; ela gosta e não vai custar muito caro, então vai sobrar um pouco para comprar algo para mim”, acrescentou Amy.

“Como vamos dar os presentes?”, perguntou Meg.

“Vamos colocar tudo em cima da mesa, trazê-la até aqui e ficar vendo enquanto abre os embrulhos. Lembra como costumávamos fazer nos nossos aniversários?”, perguntou Jo.

“Eu ficava tão assustada quando era minha vez de sentar na poltrona grande com uma coroa na cabeça, vendo todas vocês chegarem marchando para me entregar os presentes com um beijo... Gostava das coisas e dos beijos, mas era horrível ter de ficar na frente de todo mundo abrindo os embrulhos”, disse Beth, que estava tostando ao mesmo tempo o rosto e o pão para o chá.

“Vamos deixar que Marmee pense que estamos comprando coisas para nós e fazer uma surpresa. Precisamos ir às compras amanhã à tarde, Meg; temos muita coisa para fazer para a peça da noite de Natal”, disse Jo, marchando de um lado para outro com as mãos às costas e o nariz empinado.

“Essa vai ser a última vez que participo de uma peça; estou ficando velha demais para essas coisas”, observou Meg, que continuava uma criança quando o assunto era vestir fantasias para o faz de conta.

“Eu sei que você não vai parar enquanto puder sair arrastando um vestido branco com os cabelos soltos e usar joias de papel dourado. Você é a melhor atriz que temos e, se desistir da carreira, vai ser o fim”, disse Jo. “Devíamos ensaiar hoje; venha aqui, Amy, refaça a cena do desmaio, pois nela você está dura feito um pau.”

“Não sei fazer diferente; nunca vi ninguém desmaiar e não quero ficar toda roxa como você, caindo que nem uma tábua. Se conseguir cair devagar, eu caio; se não, vou desmaiar em uma cadeira e ser elegante; não importa que Hugo esteja me perseguindo com uma pistola”, respondeu Amy, que não tinha talento dramático, mas fora escolhida para o papel porque era pequena o suficiente para ser carregada aos berros pelo herói da trama.